Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data ___/___/___
Cod. XVDØØØ65

Exmo Sr. Dr. JUIZ FEDERAL da 2 VARA JUDICIÁRIA do ESTADO de MATO GROSSO

VIRGINIA MARCOS VALADÃO, perita antropológica do Juízo, dando cumprimento ao mandado de perícia de número 353/94 referente à **Ação Oridinária n. 90.181-1** que **NELSON TAVEIRA e NILSON SIMÕES DA LUZ** movem contra a **UNIÃO FEDERAL e FUNAI**, vem respeitosamente encaminhar a V. Excia o laudo antropológico.

Nestes Termos
Pede Deferimento
São Paulo, 2 de maio de 1994

Virginia M. Valadão

VIRGINIA MARCOS VALADÃO
Perito Antropológico do Juizo

Acervo ISA

LAUDO ANTROPOLÓGICO referente à AÇÃO ORDINÁRIA n. 90.181-1 que NELSON TAVEIRA E NILSON SIMÕES DA LUZ movem contra a UNIÃO FEDERAL e FUNAI

INTRODUÇÃO

Para elaborar o laudo pericial que se segue; baseamos nossos trabalhos em pesquisas próprias, viagem à área Indígena Pimentel Barbosa em Mato Grosso, na consulta dos Autos da Ação, nos arquivos da Fundação Nacional do Indio - FUNAI, em material bibliográfico referente à ocupação, usos e costumes do povo Xavante habitante da referida região.

A viagem de campo foi realizada entre os dias 16 e 20 de março e contou com a participação da Assistente da Procuradoria Geral da República, Angela Maria Baptista e da Assistente Técnica da Funai, Neila Soares da Silva.

A viagem à área foi acompanhada do Sr. Luis, funcionário da Funai que gentilmente nos conduziu em veículo daquela Fundação, auxílio inestimável dadas as condições da estrada. Na aldeia encontramos com pesquisadores contratados pela Associação dos Xavante de Pimentel Barbosa, pesquisadores estes que realizam estudos de fauna e flora. Maiores informações sobre os estudos e a própria asssociação poderão ser encontrados no anexo de n. 1 .

A apresentação pública do objetivo de nosso trabalho aos homens Xavante foi realizada, como é de costume tradicional, no pátio da aldeia e coordenada pelo atual cacique. Após explicação e apresentação dos mapas que localizava área de litigio, totalmente incluída dentro da Reserva, os indios informaram de seu uso para caça e coleta e identificaram coicidência de localização com antiga aldeia da qual um velho sobrevivente, *RUPAWE*, poderia nos dar maiores informações.

Quando *RUPAWE* voltou de suas atividades na roça, esse senhor, bastante idoso, realizou um discurso formal, em pé e portando borduna. Manifestou sua surpresa acerca da Ação e acerca dos nomes dos autores, desconhecidos para o conjunto da comunidade indígena. Como ex-ocupante de área próxima identificaram um posseiro, de nome Chico Rouco, fundador do lugarejo de nome Matinha, que se retirou da área assim que a Reserva foi decreta. Com esse posseiro os Xavante mantém excelentes relações de amizade e tivemos oportunidade de entrevistar esse Sr. que reconhece plenamente os limites e direito dos indios à área.

Acervo ISA

RUPAWE identificou ainda antiga aldeia instalada no local por volta da década de 50, aonde viveu quando era rapazinho. Aldeia grande, foi palco de cisões e dispersões em grupos menores, provocadas básicamente por fortes epidemias de gripe e sarampo (época dos primeiros contatos amistosos com o SPI) e em função do grande número de mortos o lider de então se decidiu pelas mudanças. Muitas pessoas foram enterradas na região.

Após as observações, organização dos relatos orais dos indios (que incluiam a existência de sítios arqueológicos na área) e organização em mapas de dados levantados em campo (anexo n. 2) , partimos para os estudos das fontes de documentação.

Além dos dados coletados em pesquisas junto aos Xavante realizadas por nós em 1977 e 1986, contamos com documentos oficias, laudos, livros e teses acadêmicas em quantidade bastante significativa para documentar nossas respostas aos quesitos propostos (bibliografia em anexo).

Preocupamo-nos essencialmente em elaborar um trabalho no qual as respostas às diferentes questões pudessem compor um todo compreensível que enfocasse, basicamente, a ocupação tradicional da região em questão, usos, costumes e aspectos culturais da sociedade Xavante, sem se estender excessivamente em teses específicas e de cunho teórico da disciplina antropológica. Nesse sentido, dados relativos à sistemas de parentesco e de nominação foram remetidos à fontes bibliográficas.

Como a questão central proposta por laudos antropológicos em processos judiciais refere-se aos critérios definidores de territórios de ocupação indígena, vamos abordar brevemente, à título de introdução, conceitos da antropologia moderna e conceitos resultantes do amplo e construtivo debate que vem se travando entre antropólogos e juristas acerca do assunto.

A antropologia moderna baseia-se em critérios etno-históricos e etno-culturais. O uso do prefixo "etno" pressupõe a investigação de "histórias e "culturas" de grupos diversificados e distintos da sociedade nacional(Serpa 1990; introdução).

Na etno-história são atribuídos pesos equivalentes ao testemunho oral, produção escrita de viajantes, cronistas jornalistas , pesquisadores, indios e não indios. A definição de território de ocupação indígena se completa com os

Acervo ISA

critérios culturais próprios ao(s) grupo(s) que o habitam. Nesse sentido são considerados as instituições sociais que determinam os padrões de ocupação, os modos de produção econômica, a exploração dos recursos naturais que propiciam a reprodução física e cultural do grupo, os referenciais cosmológicos, as dinâmicas politicas que dirigem a expansão ou contrações territoriais (Franchetto, 1987).

A interpretação de Victor Nunes Leal do artigo 198 da Constituição Federal de 1967, apresenta um pensamento jurídico moderno que reforça o enfoque antropológico, através do aprofundamento da interpretação dos conceitos de "habitado/ ocupado" e de "posse" quando referidos a territórios de povos indígenas. Assim se expressa e eminente jurista, na súmula 480:

> *"Aqui não se trata do direito de propriedade comum: o que se reservou foi o território dos indios... Não está em jogo, propriamente, um conceito de posse, nem de domínio, no sentido civilista dos vocábulos: trata-se do HABITAT de um povo. Se os indios, na data da Constituição Federal ocupavam determinado território, porque desse território tiravam seus recursos alimentícios, embora sem terem construções ou obras permanentes que testemunhassem posse de acordo com o nosso conceito, essa área, na qual e da qual viviam, era necessária à sua subsistência... A Constituição Federal dispôs sobre o assunto e retirou ao Estado qualquer possibilidade de reduzir a área que, na época da Constituição era ocupada pelos indios, ocupada no sentido de utilizada por eles como seu ambiente ecológico".*

O mérito dessa interpretação jurídica é o reconhecimento de direitos específicos dos indios, pois ao abordar a definição de território e habitat do ponto de vista dos modos de vida material e cultural dos povos os reconhece enquanto etnias. O eminente jurista vem distinguir tais povos, tais etnias, da chamada sociedade nacional(Serpa;1990:introdução).

Acervo ISA

A posição de Victor Nunes Leal, representa um enriquecimento pluralista do universo das leis, tal como afima Franchetto(1985: 107), e não é isolado, pois a argumentação do professor José Afonso da Silva (Faculdade de Direit/ USP, 1983) vem possibiliar a definição dos termos "permanência", "consenso histórico" e situação atual" da ocupação indígena, presente nas leis, assim como os próprios interessados, os indios, os pensam. Neste sentido o professor José Afonso da Silva, em palestra proferida na Faculdade de Direito da USP(outubro 1983), sobre a auto aplicabilidade do art. 198 e os direitos constitucionais dos indios, declarou:

> *"A relação entre o indígena e suas terras não se rege pelas normas do direito civil...sua posse extrapola a órbita puramente privada e é base de seu habitat no sentido ecológico de interação do conjunto de elementos naturais e culturais que propiciam o desenvolvimento equilibrado da vida humana... Este tipo de relação não tem nada a ver com as limitações individualistas do direito privado. Os Textos constitucionais estão presos à determinados conceitos científicos em função daquela parte da realidade a que eles se dirigem... não se trata de uma força normativa e imperativa, mas de uma força conceitual, para que, quando você leva ao juiz um questão relativa à terras indígenas, voce possa realmente mostrar que "terras habitadas" não pode ter o sentido de habitação normal, até porque habitação está presa a uma edificação.*
> *Quando se trata de terras habitadas por indios, precisa levar em conta também o modo com que os indios encaram a sua influência nessa terra e o raio de ação com que atuam sobre ela, com a própria concepção da área que ocupam... o contato, aliás, já pode influenciar essa visão"*
> (Serpa,1990:introdução)

Queremos destacar ainda que em publicação recente intitulada "A Perícia Antropológica em Processos Judiciais" (1994)debates bastante elucidativos à respeito da questão, foram estabelecidos entre antropólogos e juristas. Em artigo do jurista Wagner Gonçalves são abordados aspectos práticos da Perícia Antropológica, segundo as expectativas do juízo que assim se expressam na forma de conclusão:

Acervo ISA

1- a perícia judicial é meio de prova e serve para fornecer elementos técnicos ao Juiz para definição jurídica do que seja terra de ocupação tradicional indígena;
2- a perícia não se confunde com laudo ou parecer antropológico ou teses ou pesquisas acadêmicas;
3- realiza-se a perícia-antropológica a partir da visão do habitat de um povo e sob a perpectiva de ocupação segundo usos, costumes e tradições, tudo visando área que seja suficente e necessária à sobrevivência, ao bem estar, e às necessidades de reprodução física e cultural de um povo etnicamente diferenciado;
4- como trabalho técnico, realizado com base em quesitos (art.426 do CPC), é importante que o Juiz, advogados e membros do Ministério Público Federal tenham uma visão sistemática do que se quer alcançar com a perícia, nunca dissociada da perspectiva atual e histórica e sob o enfoque dos itens antes assinalados;
5- não se deve privilegiar somente dados históricos, quando se trata de definir terra de ocupação tradicional indígena, porque o "tradicionalmente" do texto constitucional (parág. 1, art.231 CF) não se refere à tempo pretérito, mas à forma de ocupação de um dado território. Implica em dizer também da ocupação atual, segundo culturas e tradições, as quais também são mutáveis
6- é importante que a perícia reflita, com clareza, a posse de pessoas não indias. Indique, se possível, os títulos de propriedade existentes, e os sinais visíveis do tempo dessa posse:
7- é preciso tratar a perícia-antropológica sem paixões, de modo a ser ela realmente um trabalho técnico e
8- na definição de terras de ocupação tradicional indígena os elementos da definição constitucional (parag.1, art.231) se entrelaçam e se interagem, não se podendo dizer que tal área seja indígena a partir de um só daqueles elementos".

Foi com base nesses conceitos, propostas e reflexões acerca de conteúdos e instrumentais técnicos que elaboramos o laudo que se segue, cujo principal objetivo é servir de peça técnica à serviço decisão do juízo.

Acervo ISA

QUESITOS DA RÉ - Fundação Nacional do Indio - FUNAI

1. Queira, o Sr. Perito e seus Assistentes-Técniços informar se a área compreendida pela Área Indígena Pimentel Barbosa constitui terras tradicionalmente ocupadas pelos indios Xavante, como recomenda o parágrafo primeiro do artigo 231, da vigente Constituição Federal?

QUESITOS DA RÉ - UNIÃO FEDERAL

1. Podem o Sr. Perito e os Srs. Assistentes-Técnicos informar se a área é tradicionalmente habitat indígena etno - historicamente constituído?

Sim. A Área Indígena Pimentel Barbosa constitui terras tradicionalmente ocupada pelos indios Xavante pelo menos desde o século XIX, quando então cisões internas dividiram os grupos Akwê Xavante, que migraram em diferentes direções.

A história da ocupação territorial dos Xavante não foge à regra da história dos demais grupos indigenas localizados em território brasileiro desde os primórdios da colonização portuguesa: todos foram sendo sistemáticamente "empurrados" pelo avanço das diferentes frentes de exploração economica.

Os primeiros registros sobre a existência da etnia Xavante datam do século XVIII, vindos da então Província de Goias. Uma carta do governo da província datada de 29.12.1762, relata ataques dos Xavante à diversos arraiais. Para reprimir os ataques indígenas organizam-se sucessivas bandeiras com dupla função: rechassar os indios e pesquisar ouro. (Ravagnani, 1977:14)

As bandeiras organizadas pelo Governo da Província de Goiás a partir de 1770, resultaram na liberação do rio Araguaia à navegação e, de acordo com as instruções do Marquês de Pombal, na redução em aldeamentos de vários povos indígenas, entre os quais grupos Xavante. (Serpa 1990: 108)

Acervo ISA

Maiores informações sobre esse período da história Xavante poderão ser encontradas em Ribeiro, Lopes da Silva, Maybury -Lewis, Métraux, Nimuendajú, Giaccaria E. Heide, Serpa e Ravagnani , conforme bibliografia em anexo. Optamos pela abreviação das informações referentes ao período de permanencia dos indios em Goiás, privilegiando a história das migrações Xavante do século XIX em direção ao atual Estado do Mato Grosso.

Em 5 de setembro de 1811, o Principe Regente assina Carta Régia autorizando a guerra com Karajá, Apinajé,Xavente e Canoeiros. Pressionados por ataques sucessivos os Xavante migram para o norte, são barrados pelos Krahô e dirigem-se para o sul do rio Manuel Alves Grande (Serpa 1990:116).

Segundo Ravagnani(1977:100), a história dos Xavante é marcada por dois momentos importantes de cisão: a primeira teria acontecido por volta de 1820 com a separação entre Xavante e Xerente, que no inicio do século XIX formavam dois grupos distintos mas culturalmente muito próximos.

Habitavam um território comum, às margens do Tocantins. Essa primeira cisão é situada pelos diferentes autores entre 1820 e 1860 , possivelmente motivada por divergências em relação ao estabelecimento de contatos com os colonizadores.

A segunda cisão, ainda segundo Ravagnani(1977:132) teria acontecido no interior do grupo que rejeitara o contato conhecido então como Xavante, em oposição aos indios considerados "mansos",designados como Xerente (Serpa 1990: 117).

Uma parte do grupo Xavante atravessou o rio das Mortes enquanto outra, com mêdo dos botos, permaneceu ao longo do rio(Giaccaria e Heide,1972:23). Há um mito Xavante " PEDZAI O WATSU U" que narra a separação do grupo em dois, no momento da travessia do rio(anexo 4).

O grupo que cruzou o rio das Mortes penetrou assim em território matogrossense e é considerado precursor dos Xavante atuais, enquanto que os demais teriam sido extintos.

Na região do rio das Mortes esses indios permaneceram isolados até as últimas décadas do século XIX (Maybury-Lewis, 1967:2). Missionários salesianos tentavam estabelecer contatos com os Xavante que rechassavam as expedições organizadas pelos religiosos.

Acervo ISA

O habitat Xavante em terras matogrossenses apresentava como limite sul o rio das Mortes que o separava do território dos Bororo, de quem eram inimigos ferrenhos; a leste o rio Araguaia apartava-os do mundo civilizado e mais a nordeste dos indios Karajá, outra tribo inimiga; ao norte limitava-se com o rio Tapirapé, habitado pelos indios homônimos, único grupo com os quais os Xavante parecem não ter tido conflitos e a oeste a serra do Roncador isolava-os dos habitantes da região dos formadores do rio Xingú. Os conflitos com Bororo e Karajá explicavam-se pela intrusão dos Xavante recém chegados, que disputavam territórios ocupados por brancos. Em 1906, os ataques dos Xavante aos Bororo fizeram com que estes se estabelecessem na Colônia Salesiana de Meruri (cf Souza, L., 1953:18).

Afirma Ravagnani (1977:123) que os Bororo recuavam enfraquecidos pelas incursões frequentes de bandeirantes e mineiros cuiabanos que fundaram em seu terrtório numerosos arraiais. Além disso, vários guerreiros Bororo, sob o comando de Antonio Pires de Campos , estavam sendo utilizados na guerra que se travava contra os Kayapó meridionais e os que ficavam nas aldeias não tinham como enfrentar os Xavante.

A partir das informações contidas nos trabalhos de Giaccaria E. Heide(1972) e Maybury - Lewis (1984), a antropóloga Aracy Lopes da Silva (s/d) reconstruiu o trajeto dos Xavante e as cisões que provocaram o surgimento de novas aldeias e a ocupação dos novos territórios durante o ultimo século, no estado do Mato Grosso.

Na sua reconstituição, Lopes da Silva (s/d) explicita a trajetória Xavante em Mato Grosso nos seguintes termo:

> *"Calcula-se que a penetração dos Xavante em território matogrossense tenha ocorrido por volta de 1870. Atravessando o Araguaia, o grupo liderado por Butsé concentra-se na aldeia de WEDE U, onde sofrem epidemias em consequencia das quais todos os velhos vêm a falecer. Os Xavante deixam, então, essa aldeia e se mudam para a de ITSOREPRE, onde vivem cerca de trinta anos. As duas aldeias localizam-se na região do rio das Mortes. Ao fim desses trinta anos, por motivos politicos, há uma cisão e parte do grupo funda nova aldeia ETE RAU RAWAWE, mais a noroeste, provavelmente na região do rio Sete de Setembro. Parte desse grupo logo volta ao rio das Mortes e se junta aos companheiros de ITSOREPRE. Entre as duas aldeias há enfrentamentos. Os moradores do Sete de*

Acervo ISA

Setembro deslocam-se para o sul e passam a morar na região conhecida como Lagoa, às margens do rio Couto Magalhães. é ali que fundam a aldeia de WABDZEREWAPRE. Enquanto isso, nova cisão ocorre em ITSOREPRE.

Na década de 30, os missionários Salesianos, João Batista Fuchspe e Pedro Sacilotti, estabelecem uma base chamada Santa Therezinha, para atração e conversão dos Xavante. Em 24 de agosto de 1932 erguem uma grande cruz de madeira às margens do rio das Mortes, que é destruída quatro vezes pelos Xavante e quatro vezes reconstruidas pelos salesianos.

Os salesianos insistiam em alcançar aldeias Xavante e foram mortos pelos indos em 1934. Seguiram-se expedições punitivas que massacravam Xavante e queimavam aldeias(Souza,L., 1953: 22-27).

Afirma Ravagnani (1977:162-3) que no final da década de 30 os Xavante encontravam-se encurralados e sem possibilidades de novas migrações, cercados por criadores de gado, com o território invadido por todos os lados, seus rios navegados por poderosas lanchas motorizadas, seus campos cortados por várias expedições.

Frente aos constantes conflitos entre os Xavante e as frentes de penetração na região, o S.P.I. organiza uma frente de atração, em 1941, sob o comando do Genésio Pimentel Barbosa. Essa frente rumou para São Domingos, penetrou em território Xavante e foi exterminada. O posto do S.P.I. em São Domingos, em homenagem ao chefe da expedição massacrada, passou a chamar-se Pimentel Barbosa.

Foi a expedição Roncador Xingu, dotada de amplos recursos e posteriormente absorvida pela Fundação Brasil Central, criada em 1943, que veio aniquilar a capacidade de resistência dos Xavante. As aldeias eram localizadas por aviões cujos voos razantes apavoravam os indios.

Acervo ISA

Na região do rio das Mortes, o contato foi estabelecido em 1946 por uma turma de atração do SPI chefiada pelo sertanista Francisco Meirelles. O contato se deu com um grupo de mais de 400 indios que, precedidos por seus líderes, surgiram com flechas de pontas quebradas em sinais de paz (cf Ravagani 1977: 179). Ao se esgotarem os presentes os Xavantes passaram a pressionar os funcionários do SPI que, sob a orientação de Meireles, se retiram do local. Novo contato foi estabelecido em 1947 mas os indios continuavam atacando os povoados ao redor.

A "pacificação" dos diferentes grupos Xavante não ocorreu de forma simultânea. Quando atravessaram o Araguaia subdividiram-se: um grupo permaneceu na região de São Domingos, outro seguiu para o rio Batovi, um terceiro foi para a região do Couto Magalhães e Culuene em direção ao sul e um outro atingiu a região de Simão Lopes, a oeste.

Lopes da Silva informa que a "pacificação" dos Xavante deu-se em três momentos distintos, em três diferentes locais e através de três diversas agências de contato:

1- 1946/47: rio das Mortes através de frente de atração do SPI chefiada por Francisco Meireles:
2- 1953/57: rio Paranatinga, através do SPI:
3- 1955/56: colónias de Sangradouro e Meruri, administradas por padres Salesianos.

Os Xavante encontravam-se então distribuídos em três regiões distintas: nos tributários do Xingu, ao longo do rio das Mortes, a oeste de Xavantina(rio acima), ao longo do rio das Mortes, a noroeste de Xavantina (rio abaixo). Entre essas comunidades existia uma pequeno contato, com maior aproximação entre os habitantes do Xingu e os habitantes à oeste. A etnia Xavante encontrava-se então dividida em duas parte:

1 - Xavante Ocidentais
a) região do Xingu
aldeias Batovi e Simão Lopes
b) região rio acima
aldeias Sangradouro e São Marcos

2 - Xavante Orientais
a) região do rio abaixo
aldeias Areões, Capitariquara, Santa Teresinha, São Domingos, E TO e MORAWASEDE.(Maybury-Lewis 1984: 11-30)

Acervo ISA

Os Xavante da atual Area Indigena de Pimentel Barbosa tem suas origens na aldeia de São Domingos, que na década de 40, chefiada pelo cacique APOWE, exterminou a expedição do SPI chefiada por Pimentel Barbosa. Foi com esse grupo que Francisco Meireles e sua equipe estabeleceram contatos amistosos em 1946.

A partir de 1950, após os momentos mais violentos e dramáticos do contato, os grupos Xavante assistidos pelos diferentes agentes do contato passam a reinvindicar o direito de um território garantido pela Constituição.

No final da década de 1960 o governo federal inicia trabalhos para demarcar terras para os Xavante. É interessante notar que esse processo ocorre após a licitação de terras pelo Estado de Mato Grosso e as demarcações atendem em grande parte às necessidades de legalizar terras de fazendeiros que se instalavam na região.

As disputas em torno dessas áreas continuaram bastante violentas, da mesma forma que em todo o periodo histórico anterior e diversos grupos Xavante foram obrigados a abandonar (e mais tarde reocupar) áreas tradicionais, em consequência das transferências forçadas realizadas pelo órgão tutor. Esse movimento pela recuperação e garantia de seus territorios às terras tradicionalmente ocupadas se desenvolve durante as três últimas décadas e assume situações particulares nas várias áreas demarcadas posteriomente pela Funai.

A historiadora Marta Maria Lopes (1988) reconstitui fatos históricos que vieram marcar a formação das atuais resevas e aáres indígenas Xavante. São elas: Marechal Rondon, Sangradouro, São Marcos, Areões, Kuluene, Couto Magalhães, Pimentel Barbosa. Nem todas essas áreas estão demarcadas e homologadas. Estão em curso alterções oficiais, dentre as quais destacamos as áreas de Areões e a identificação da antiga fazenda Suiá Missú.

Vamos nos deter no processo de formação da Reserva de Pimentel Barbosa, objeto da ação para a qual elaboramos a presente perícia.

Já mencionamos que os Xavante de Pimentel Barbosa fazem parte do grupo que foi contatado por Francisco Meireles, no local denominado São Domingos, em 1946. A eles somaram-se outros grupos procedentes do PI Capitariquara e da Missão Santa Terezinha por volta de 1958(ver mapa 10, anexo).

Acervo ISA

A reserva para os Xavante de Pimentel Barbosa, assim como Areões e Couto Magalhães foi decretada e modificada em 1969 pelos decretos 65.212 (12.09.69) e 65.405 (13.10.69). Os Xavante permaneceram em São Domingos até o ano de 1970, quando foram transferidos para o atual local, às margens do rio das Mortes.

Os decretos de 1969 foram substituidos pela Portaria 11.104 de 1972, pelo decreto 75.426 de 1975, pelo decreto 83.262 de 1979 e pelo decreto 85.025 de 1980. Os limites atuais foram finalmente fixados pelo decreto 85.687 em 1981. Os decretos de 1969 foram modificados sob alegação de inviabilidade, pois estabelecia limites que englobavam povoados e fazendas já estabelecidas.

Iniciou-se então, em 1973, processo demarcatório tumultuado e fraudulento. No limite sul da Reserva, foram trocados os nomes do córrego Água Suja para Água Amarela. No limite oeste foram feitos dois diferentes piques demarcatórios entre 1973 e 1974. Ambos os limites estavam ocupados por fazendas, cuja maioria obteve seus títulos de propriedades a partir de Certidões Negativas fornecidas pela FUNAI junstamente entre os anos de 1973 e 1975. O arquivo do de posto da FUNAI foi queimado pelo funcionário responsável, Sr. Jamiro Arantes, sob argumentos que os arquivos nao tinham mais utilidade pois eram do tempo do SPI ou do Gal Bandeira.

A reserva foi demarcada em 1974 com base em mapa desenhado pela Cartografia da FUNAI. O mapa não encontrava nem os cursos corretos dos rios, nem da rodovia BR 158.

Em dezembro de 1978 os Xavante atacaram a fazenda Real, Caçula, Canoa e Acerere. Queimaram casas, destruiram plantações. em vista do conflito, em 12 de março de 1979, o presidente Geisel assinou o decreto 83262 que devolvia aos Xavante o direito a antiga reserva.

Em 1979, sob pressão dos indios, verificou-se que os limites físicos não correspondiam aos limites decretados, representando uma perda de 35% do territorio. As perdas eram também qualitativas pois as melhores terras, áreas cultiváveis de mata, localizavam-se nas diferenças entre os dois rios do limite sul e na diferença entre os dois piques demarcatórios do limite oeste.

Acervo ISA

José Valdênio Viriato, ex-servidor da FUNAI, foi apontado como o principal responsável pelas fraudes, pois havia servido de intermediário na aquisição de terras nas áreas conflitantes, era possuidor de fazenda entre a reserva a BR 158, dentro dos limites da área indígena, e foi, enquanto servidor da FUNAI, responsável pelo fornecimento das certidões negativas(Síntese dos principais documentos relativos à Area Indígena Pimentel Barbosa; anexo 7).

A alteração feita na reserva atingiria principalmente a UTA Agropecuária SA e outros fazendeiros que impetraram Mandado de Segurança contra o Presidente da Republica em junho de 1979. Alegavam que desde os decretos de 1969, a União percebera que a reserva possuía limites inviáveis e o decreto 83.262 de 1979, era além de tudo inconstitucinal.

Foi realizada Sindicância na Fundação Nacional do Indio e Inquérito no âmbito do Ministério do Interior para apurar a responsabilidade dos funcionários federais envolvidos. Dadas as dificuldades do problema, o Ministério do Interior solicitou à Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional que colaborasse na avaliação dos fatos. As provas foram consideradas insuficientes apesar de comprovada a troca dos topônimos (nomes dos rios) e a incompatibilidade dos mapas com a realidade geográfica. Ficou também demonstrado que o limite oeste havia sido construído artificialmente de modo a fechar o polígono descrito.

A criação da reserva de Parabobure e os acertos na reserva de Pimentel Barbosa, gerou, em 1980, a aliança de fazendeiros de Barra do Garças com o prefeito daquela cidade Vilmar Peres de Faria e com o deputado estadual Roberto Evaristo Cruz, que iniciaram campanha em todos os veículos de comunicação matogrossense contra as demarcações. Este acordo foi selado na Câmara Municipal de Barra do Garça com março de 1980. O prefeito solicitou que o governador de Mato Grosso tomasse providências em relação ao que consideravam "desmandos da FUNAI" que por sua vez enviou memorial ao Presidente da República. Os fazendeiros só se tranquilizaram quando a FUNAI enviou ao Coronel Anael Lemos, em meados de 1980, para avisá-los de que o Senado votaria uma legislação indenizatória aos fazendeiros (Marta Lopes, 1980).

Como consequência, os Xavante de Pimentel Barbosa conseguiram renogociar acertos nos limites que redundaram em pequenos ganhos para a comunidade em relação às propostas de 1973 e 1975 (início das demarcações). A atual reserva foi finalmente homologada pelo decreto 93147 de 20 de agôsto de 1986.

O histórico de formação de reserva bem como os documentos apresentados em anexo permite observar que a demarcação foi obtido em meio a conflitos e pressões de toda ordem, redundando em perdas territoriais indígenas em relação às primeiras propostas datadas de 1969.

Concluindo, a área sub-júdice é de ocupação imemorial dos Xavante, e representa PARTE do habitat tradicional deste indios, cujas terras tradiconalmente ocupadas e por eles habitadas em caráter permanente foram em parte perdidas para fazendas e outros. Estas terras, tal como reza a ConstituiçAo Federal são ultilizadas pelos Xavante para as suas atividades produtivas e são imprecindíveis à preservação dos recursos naturais necessarios ao bem estar e a reprodução física e cultural dos Xavante segundo seus usos, costume e tradições.

Acervo ISA

QUESITOS DA RÉ - Fundação Nacional do Indio - FUNAI

2. De quando data a ocupação da referida área pelos índios que ali viveram e ainda vivem ?

QUESITOS DA RÉ - UNIÃO FEDERAL

2. De quando data a ocupação da referida área pelos indígenas?

Os Xavante ocupam a referida área há mais de um século, conforme atestam numerosas fontes bibliográficas referidas ao final deste laudo. Informações detalhadas acerca da história, uso e ocupação Xavante sobre esse território poderão ser encontradas nas respostas aos Quesitos de n. 1 e n. 3 proposto pela Ré/FUNAI.

Acervo ISA

QUESITOS DA RÉ - Fundação Nacional do Indio - FUNAI

3. Queiram o Sr. Perito e seus Assistentes-Técnicos informar se a área "sub-júdice" está localizada dentro desse habitat indígena.

A área "sub-júdice" encontra-se, na sua totalidade, localizada no interior da Reserva Indígena Pimentel Barbosa, habitat tradicional dos indios Xavante(anexo 3).

Os autores da ação em questão não receberam na época da demarcação nenhum tipo de indenização justamente pela ausência total de benfeitorias no local. Na realidade, a área em litigio não chegou a ser ocupada pelos autores, fato admitido até mesmo na própria inicial da Ação.

No passado antigas aldeias foram instaladas no local, conforme já mencionamos na introdução deste trabalho. Atualmente a referida área é utilizada pela comunidade de Pimentel Barbosa como área de caça e coleta.

Habitat

O território tradicionalmente ocupado por esses indios constitui uma parte da zona norte-oriental do Planalto do Brasil Central. Trata-se de região de campos cerrados, a cerca de 600 metros acima do nível do mar cujo clima é marcado por forte contraposição entre os período de seca , de maio a setembro com forte oscilação térmica diária e o período de chuvas ,de outubro à abril, cuja precipitção alcança até 250 mm mensais.

Segundo dados do projeto RADAMBRASIL (1981, v.25: 513-560), a caracterização geral dessa região apresenta cobertura vegetal dominante pela savana arbórea aberta, entretanto, nas áreas planas dos interfluvios e devido aos fatores pedológicos, nota-se a ocorrência de florestas e áreas de tensão ecológica, resultante de contatos entre savana e floresta estacional.

Giaccaria E. Heide(1972 pg 36) após destacarem o aspecto colinar e relações entre cursos d água, vegetação e inclinação de relevo, informam:

Acervo ISA

"A flora da região é constituída da floresta tropical e do mato, savana com árvores de tronco baixo. A floresta propical apresenta a vegetação característica dos solos úmidos pertencentes às áreas de clima tropical...Podem-se individuar dois tipos de floresta tropical. A primeira ocupa manchas vastíssimas em zonas de morfologia quase sempre acidentada: é nestas manchas que os Xavante cultivam as suas plantações. Debaixo das grandes árvores, a vegetação não é muito espessa, e as operações de limpeza e preparação do terreno são bastante fáceis. As árvores são de troncos altos com variedade tipicamente tropical, como a piúva ou ipê (Tecoma Impetiginosa), a aroeira(Shinus Therebintifolius), o jatobé (Himenaea sp.) Aí se encontra o acuri, uma variedade de palmeira que tem muita importância na alimentação dos xavantes. A mata é utilizada para plantio.

O outro tipo de flora tropical se desenvolve em torno dos rios (mata ciliar ou florestas de galerias) e nas vizinhanças das nascentes: é um filamento de vegetação de poucas dezenas de metros de largura, que segue o curso do rio;a pequena vegetação é muito densa e com muito cipó de várias espécies. A umidade é máxima. Na estação das chuvas. o excesso de água provoca uma intensa atividade biológica sobre as folhas e galhos cáidos no sos, enriquecendo o terreno de substâncias orgânicas. Nas matas ciliareas os Xavante encontram sempre água e muita abundancia de raízes e frutas, que são a base de sua alimentação. Ali são também encontradas as palmeiras de buriti (Mauritia sp.), cujas folhas fornecem a fibra para seus ornamentos cerimonias, bem como as árvores cuja madeira é utilizada na manufatura de vários artefatos. É aí também que se encontra o melhor solo para o cultivo de suas culturas escassas. São tambem lugares bons para caçar, pois os animais sentem-se atáidos pela sombra fresca e úmida destas matas.

As regiões planas, são em geral, ocupadas por dois tipos de vegetação bem definidos: o mato e o campo limpo; o primeiro é composto de árvores de troncos baixos, que podem ser muito espessos (cerrados), ou também muito ralos, com uma série gradual entre os dois extremos. As características destas árvores favorecem a sua

Acervo ISA

adaptação às excepcionais condições de estiagem, típicas destas regiões em grande parte do ano; de fato, o tronco e os brotos são retorcidos e providos de uma casca muito espessa, que protege a planta da seca e, sobretudo, dos incendios que se alastram com muita facilidade na estação seca; ... as raízes chegam até a profundidade de vinte metros, alcançando a água das fraldas do subsolo, geralmente profundas nestes terrenos sedimentares do planalto brasileiro.

O campo limpo, pelo contrário, é caracterizado por uma cobertura herbácea predominante, que forma enormes prados e várzeas, que se estendem por dezenas de quilômetros; ocupa somente regiões plans e suficientemente úmidas: pode-se encontrar, também, nas proximidades a floresta ciliar. ...a abundância de água e a presença de terrenos de natureza argilosa, devem coexistir, para que tal vegetação possa desenvolver-se. Durante a estação das grandes chuvas, em pequenas depressões, formam-se extensas lagoas que resistirão por muitos meses, também no cursos da estação seca. É a região ideal para a caça em geral, mas sobretudo para o veado, que nos últimos meses da estação seca volta ainda a encontrar erva verde e água. No campo limpo, nas várzeas, cresce de preferencia o buriti, outra variedade de palmeira utilizada em muitas ocasiões pelos xavantes. Trata-se de savanas com moitas esparsas, São solos pobres (sua economia utiliza de todas as variedades vegetais ora descritas)."

Aldeias

No que se refere ao assentamento das aldeias, os Xavante mantém padrões de ocupação tradicional instalando-se em áreas de contato do cerrado com a mata. Constroem suas aldeias sempre em campo aberto, sobre o solo limpo, de onde removem meticulosamente até a mais rala vegetação, com distância máxima de quilômetro da mata, onde instalam suas roças. As aldeias sempre se localizam às margens de um curso d água bastante grande e, se possivel , na confluência deste com outro menor. É o curso d água principal que determina a orientação da aldeia: as casas estao dispostas em forma de ferradura com a abertura voltada para o rio.

Acervo ISA

Atividades de subsistência

Os Xavante exploram tanto a mata quanto o cerrado, instalando suas roças no primeiro e elegendo o cerrado como o espaço adequado para a vida social e ritual. Alimentam-se de caça , pesca, agricultura e coleta. A caça é exclusivamente masculina, a pesca e a agricultura são praticadas por homens e mulheres e a coleta é exclusivamente feminina. As atividades são condicionadas pelas estações, alternado-se, ao nível da importância, conforme o período do ano.

Caça

Todos os ambientes são utilizados para caça, principal atividade, a que os interessa mais do que qualquer outra, para a qual despendem mais energia e a respeito da qual falam sem cessar. Reunem -se diariamente no centro da aldeia para comentar detalhes de caçadas, trocar informações e fazerem planos para caçadas coletivas. Envolvendo sonhos constantes, iniciações masculinas, feitiços e controle de forças sobrenaturais, a caça e a valorização do bom caçador encarnam o ideal de masculinidade Xavante e sua importância transcende o valor alimentício propriamente dito constituindo-se em elemento simbólico fundamental para a reprodução cultural da sociedade Xavante.

A caça é portanto a principal atividade masculina, cuja habilidade representa fonte de prestígio e capacidade para constituir familia. É expressão de virilidade e só o bom caçador pode ser polígamo. É importante salientar que os Xavante prezam muito a resistencia física, a rapidez e a agilidade. Vivacidade e astúcia sao também qualidades das quais os homens se orgulham. A resistencia as fadigas e a sede sao premissas indispensáveis, acrescentando-se a isso a capacidade de acumular a enorme bagagem de noções e observações sem as quais o caçador nao estará num em grau de conhecer perfeitamente o habitat e as características peculiares de cada animal. Essas noções são em parte fornecida pelos grupos, em parte passadas aos jovens por pais e tios, em parte aquiridas pela experiencia individual.

Acervo ISA

Uma das modalidades de caça praticada pelos Xavante é realizada por um grupo de amigos ou por iniciativa de qualquer individuo. Ocorre em qualquer época do ano e é designada pelos termos ABA ou AI WA.

O outro tipo é a caça coletiva denominada HOMONO que está sempre ligada a cerimonias das quais toda a comunidade participa e que terminam com uma distribuição formal da carne feita por encarregados oficiais. Entre as caçadas coletivas destacam-se a caça nupcial, na qual tomam parte os parentes do futuro esposo, ou as caçadas para a realização do WAI A, principal ritual de iniciação masculina, nas quais participam toda a comunidade. (Maybury -Lewis,1984: 85)

Dadas as características ecológicas do território de ocupação Xavante, são várias as espécies animais caçadas e transformadas em alimentos, bem como usadas na confecção de ornamentos cerimoniais. Destacam-se as antas (Tapirus Americanus), queixadas (Tayassu peccari), caititus (Dicotylis Tayassu), cervos, veados, várias espécies de tatu e tamanduás, tartarugas e aves. A caça à onça pressupõe ritos especiais e vem conferir um status importante ao caçador. Os ossos da perna desse animal são transformados em instrumentos rituais.

Coleta

Segundo diversas fontes bibliográficas, a coleta é a atividade básica mais importante da dieta Xavante, alimento constantes, de alto valor nutritivo. É atividade exclusivamente feminina e ambientalmente associada à caça no sentido os lugares de localização de frutos são frequentados por diversos animais. Frutos silvestres e vegetais comestíveis do tipo tubérculos, raízes, rizomas, brotos e insetos representam os principais ítens coletados pelas mulheres. Dentre os insetos destacam-se as larvas das abelhas, as formigas vermelhas, os gafanhotos e principalmente o mel de pelo menos 10 espécies de abelhas que ocorrem na região.

A coleta é feita por um grupo de mulheres, quase sempre pertencentes a mesma casa, que repartem o produto coletado. Trata-se de atividade diária para a qual, geralmente, se sai e se volta no mesmo dia. Só quanto a atividade é associada à caça e portanto em compahia dos maridos é que as mulheres pernoitam fora. A coleta é realizada durante todo o ano e representa atividade fundamental durante os períodos de migrações.

Acervo ISA

Outro tipo de coleta refere-se à cata de matérias primas necessárias à cultura material do grupos. Nesse caso as coletas são realizadas tanto por homens quanto por mulheres e entre as espécies coletas destacam-se as diferentes espécies de palmeiras que fornecem vários produtos cometíveis (cocos, sementes e brotos) além de materiais usados na confecção das casas, esteiras, cestas e outros artezanatos. As principais palmeiras encontradas na região são o babacu(Orbignya Martiana) que oferece palmito durante todo o ano e cuja castanha é recolhida no período das migrações e armazenadas para o resto do ano. O acuri (Attalea Speciosa), também fornece palmitos e castanhas e sua polpa é colhida nos meses de outubro e novembro. A macaúba(Acrocomia glaucophylla) fornece principalmente a polpa, seguida da castanha e finalmente do tronco do qual se retira, mediante fervura, um tipo de farinha. Em qualquer periodo do ano se pode encontrar coco nas palmeiras pindoba (Attalea humilis) cujas folhas sao utilizadas para cobertura de casas e também da Piaçaba (Attalea Acaulis). Essas duas nao possuem tronco e crescem no cerrado e nas margens do campo limpo.Do Buriti (Mauritia Speciosa) se come a polpa do coco.

Dentre os produtos vegetais destacam-se as diferentes espécies de tubérculos selvagens, principalmente batatas, que são também domesticados nas roças.

Pesca

A pesca ,tradicionalmente, é atividade de menor importância dentre as atividades de subsistência Xavante. A pesca ocorre ocasionalmnte no final do período seco e em todo o período chuvoso.

No final da seca os Xavante pescam nas grandes lagoas formadas pela chuva torrencial do período anterior, cujas águas se empoçam nas depressões côncavas do terreno. A intensa e crescente vaporização que se inicia com o período da seca, facilita enormemente a pesca nessas lagoas. Durante as chuvas, a pesca é feita nos riachos transpassando-se o peixe com flechas proprias para este fim, ou envenenando-se a água com folhas e cipós.

Acervo ISA

Agricultura

A agricultura, embora realizada tradicionalmente em pequenas dimensões dado que os indíos Xavante são predominantemente caçadores e coletores, representa importante base alimentar. Os meses de colheita são meses de abundância, nos quais o problema da busca de alimentos é menos dramático. Livres da pressão diária de sair à cata de alimentos, os Xavante aproveitam esse período para organizar rituais e se dedicar à confecção de armas e outros instrumentos.

Como já mencionamos anteriomente, as roças são instaladas em terrenos de mata, ricos em substâncias orgânicas, cuja produtividade perde sua eficácia num período de aproximadamente 5 anos. Os homens derrubam a mata, participam da preparação do terreno e da plantação, mas a maior parte da tarefa agrícola é das mulheres que são responsáveis pela plantação e colheita.O plantio se dá logo depois da primeira chuva abundante. O homem vai cavando os buracos e a mulher lançando as semente atrás dele. Para plantar as abóboras, importante alimento tradicional e ritual, escolhem-se lugares aonde o acúmulo de cinzas é maior.

A tarefa de colheita é feita parceladamente, sendo transportados para casa os produtos recolhidos vez por vez. Esta fase do trabalho agrícola termina no fim de maio, com a grande colheita que encerra a estação.

Os produtos principais são o milho (7 variedades), o feijão, a mandioca, a abóbora e as batatas. Cultivam também o urucu e o algodão, produtos importantes para realização dos ritos Os produtos começam a ser colhidos em fevereiro e continuam até maio, quando então se realiza uma colheita geral. Inicia-se então a limpeza do terreno, eliminando-se o mato e a parte inútil da plantação com o auxílio do fogo.

Chegando julho as provisões começam a escassear, e então todo o grupo se apressa a fazer uma longa migração num período que dura cerca de três meses. Retornam para a semeadura, no fim de setembro. Em julho os habitantes da aldeia partem para a caça. que termina na metade de setembro. Enquanto esperam as primeiras chuvas para começar o plantio, capinam o terreno preparado anteriomente. No início de dezembro, período de chuva e após a preparação do terreno e da semadura(quando o milho tiver atingindo a altura de carca de um metro) empreendem outra fatigante migração.

Acervo ISA

Antes da partida, a aldeia se divide em dois grupos segundo critérios de amizade e parentesco. Os componentes de cada grupo ficarão unidos enquanto durar a migração. Os grupos partem em direções diferentes e percorrem um itinerário em forma de círculo fechado. O homem vai a frente, de armas, alerta para a caça . A mulher caminha atrás e se encarrega de transportar todo o necessário: provisões, várias cestas, esteiras e crianças.

O aspecto mais marcante do padrão de ocupação Xavante é caracterizado pela extrema mobilidade dessa sociedade na exploração do meio ambiente e, numa perspectiva histórica, na conquista de novos territórios. Essa mobilidade assume, de uma perspectiva histórica, a forma de migrações. De uma perspectiva estrutural da sociedade, a mobilidade assume a forma de semi-nomadismo - a partir de uma aldeia base - associado a um aproveitamento maximizado dos recursos naturais do território ocupado (Serpa,1990).

As expedições de caça e coleta têm na aldeia base o seu ponto de partida e chegam a durar de seis semanas a quatro meses. São planejadas pelos velhos nas reunioes do conselho de homens de tal forma que a comunidade possa percorrer uma certa região com vistas a explorar satisfatoriamente determinados recursos. Nao raro a comunidade divide-se em grupos que inicialmente tomam direções diferentes. Ao que tudo indica, cada expedição dessas percorre uma região ainda nao visitada no ano . De modo geral, é possivel dizer que o territorio de cada comunidade específica é a área que ela consegue explorar nas suas andanças, durante o espaço de um ano.

Cada aldeia Xavante mantém direitos de propriedade coletivo sobre uma certa área e sobre seus produtos mas não reconhece fronteiras especificas entre o seu próprio território e o de outros grupos . No passado a composição demográfica de cada aldeia não era constante, ja que nao era determinada por descendência ou por algum outro principio equivalente. Os Xavante sentiam-se livres para vagar fora de "seu próprio" territorio se estavam preparados para se arriscar, havendo a possibilidade de choque com outros grupos Xavante que podiam ressentir-se da intrusão. Assim também, cada individuo tinha liberdade para transferir sua lealdade de uma comunidade para a outra.

Até aqui descrevemos a o padrão tradicional de exploração do meio ambiente pelos Xavante, cuja descrição encontrada em Serpa (1990), foi pesquisada basicamente por Giaccaria E. Heide (1972) e Maybury-Lewis(1984).

Acervo ISA

Uma das principais consequencias do contato desses indios com a sociedade nacional foi a alteração do padrão semi-nomade de exploração, condição fundamental para a exploração agrícola e pecuária da região empreendida pela sociedade nacional. A alteração desse padrão teve como consequências, por um lado, a diminuição na frequência das atividades coletivas e por outro, um aumento na importância da agricultura como fonte de alimentos.

Entretanto pode-se verificar a força e resistência cultural da sociedade Xavante que apesar dessas alterações, provocadas principalmente pela redução dos limites do territorio de ocupação tradicional e consequente perda dos nichos de caça e coleta e procuram readaptar o seu modo de viver às áreas atualmente delimitadas e, num esforço de reprodução étnica, procuram combinar atividades impostas pela situação e contato com manejo, exploração e valorização das atividades tradicionais.

Sobre essa questão, ver resposta ao quesito de n.4 da RG/FUNAI que informa sobre projetos de manejo e extrativismo atualmente em curso na área Pimentel Barbosa, coordenados diretamente pela comunidade através de sua associação. A manutenção dos rituais tem sido forte elemento de preservação sócio-cultural. A iniciação masculina mantem-se em todas as aldeias e é através deste ritual que os Xavante mantém a existência plena de seu sistema de classes de idades(Silva,1-23).

Essa situação atual apresenta forte contraste com tipo de assistencialismo e dependência do órgão tutelar que imperou muitos anos entre esses indios.

A partir da década de 1970 os Xavante foram objeto de "projetos comunitários" implantados pela Funai, projetos estes inspirados no modêlo de ocupação "branca" da região que têm sua base na pecuária e na agricultura mecanizada de arroz.

Acervo ISA

Durante os anos em que a Funai despejou nas áreas Xavante verbas para tratores, caminhões e sementes, a agricultura de arroz teve grande impulso. Essa linha de assistência intensificava a agricultura familiar, implicando portanto na reorganização das atividades de subsistencia tradicionais em detrimento das atividades coletivas, visando produção de excedentes para o mercado regional. Com o esgotamento das verbas governamentais as máquinas foram se deteriorando e o tamanho das plantações diminuindo.

Atualmente, apesar da importância do arroz e da mandioca em termos de área plantada, o sistema de cultivo emprega ainda as técnicas tradicionais de corte e queima bem como as roças de toco que, juntamente com atividades coletivas voltadas para a realização dos grandes rituais, jamais foram abandonadas.

Acervo ISA

QUESITOS DA RÉ - UNIÃO FEDERAL

3. Quantos e quais grupos indígenas habitam a área referida no citado decreto?

Habitam a Área Indígena Pimentel Barbosa 718 indios distribuídos em 3 aldeias: Pimentel Barbosa, Caçula e Água Branca. A localização dessas aldeias pode ser encontrada em mapa anexo (Anexo n.2).

Acervo ISA

QUESITOS DA RÉ - Fundação Nacional do Indio - FUNAI

4. Queiram o Sr. Perito e seus Assistentes /Técnicos prestar quaisquer outros esclarecimentos julgados necessários.

Não restam dúvidas quanto à tradicionalidade da ocupação da Reserva Indígena Pimentel Barbosa por parte dos indios Xavante, conforme atestam as numerosas fontes orais e bibliográficas mencionadas nos quesitos anteriormente respondidos.

Cabe lembrar que o governo de Mato Grosso, em 1950, trascorrido portanto apenas um ano dos primeiros contatos estabelecidos com os Xavante pelo então Serviço de Proteção ao Indio (SPI), reconheceu e destinou terras aqueles indios, muito embora fosse o direito indígena garantido pela Constituição e desnecessária a destinação do governo estadual. Apesar dessa atitude, 10 anos após o mesmo governo do Estado distribui títulos de terra que entre transações de compra, venda e invasões terminam por lotear tôda a área indígena e gerar permanente estado de conflito com a comunidade.

Os documentos referentes ao histórico da criação da Reserva informam das dificuldades, tensões e fraudes ocorridas durante os 17 anos gastos para se chegar a uma definição oficial da área e seu registro dos limites atuais no Serviço de Patrimônio da União.

O esforço empreendido pela comunidade Xavante para assegurar parte de seus territórios tradicionais e sobreviver culturalmente à dominação das relações estabelecidas pelo contato é agora intensificado pela elaboração de projetos próprios que aliam manejo tradicional à desenvolvimento sustentavel através da conquistas de mercados alternativos. Em documento elaborado pela Associação dos Xavante de Pimentel Barbosa (anexo 1), podemos encontrar referências ao Projeto Jabura, controlado e administrado pelo Conselho Tribal Tradicional- WARA. Segundo texto do documento, o Projeto

Acervo ISA

"... pretende mudar um quadro desagregador do ambiente e da cultura, e que foi imposto de fora. O fator futuro está intimamente relacionado com a manutenção de suas tradições culturais, que só subsistem mantendo também o uso sustentável e obviamente a conservação dos recursos naturais dos seus ecossistemas nativos. O uso sustentado e o manejo dos ecossistemas do cerrado nativo não foram aplicados na Brasil de maneira intensiva e global, aliando os habitantes, o ambiente natural e os respectivos produtos, embora isto seja uma prática cotidiana das comunidades indígenas. A parte relativa aos estudos das frutas nativas do cerrado está em desenvolvimento ...Porém, foi possível inicar o plantio de mudas próximo à aldeia Pimentel Barbosa e verificar o processo natural de adensamento das áreas degradadas. Foram feitos junto à EMBRAPA cursos de viveiro e processo caseiro de utilização das frutas do cerrado. A atividade de análise Etno-Zoológica e Manejo de Fauna Cinergética foi iniciada em 1990. Esta atividade visa analisar as causas da diminuição das populações cinergéticas escolhidas e produzir medidas de manejos utilizáveis em relação às práticas tradicionais de caá e integrando seu valor cultural/espiritual para a comunidade Xavante...".

As áreas da reserva aonde estão sendo desenvolvidas as atividades do Projeto Jaburu estão localizadas no mapa anexo n. 5. Esse Projeto é um exemplo de como os Xavante estão buscando, junto à "aliados de fora" escolhidos segundo uma determinada filosofia, alternativas que combinem necessidades materiais atuais à processos de revitalização cultural. Nesse aspecto, destaca-se também a intensa retomada de rituais tradicionais. Para a obtenção de recursos, os diferentes grupos Xavante adotam uma política específica de "relações exteriores".

Acervo ISA

Na atualidade, os Xavante tem aliado seu faccionalismo tradicional à uma estratégia de defesa de seu território e a uma busca de recursos. Desta forma as disputas faccionais somadas à recuperação demográfica do grupo tem levado sistematicamente a cisões que vem propiciando a formação de novas aldeias, ocupação, contrôle e fiscalização das várias áreas de cada Reserva. Até 1974 havia somente uma aldeia por Reserva. A divisão em várias aldeias favorece uma política interna de contrôle territorial e facilita a obtenção de alimentos (aldeias menores).

A disputa pela chefia segue os padrões tradicionais e a busca de prestígio se dá através do exercício da generosidade, da distribuição e da sabedoria. Hoje, esta busca é acrescida de elementos diretamente vinculados à situação de contato. Dessa forma a distribuição generosa de bens manufaturados como fonte de prestígio político explica a presença constante dos Xavante nos centros urbano (Lopes da Silva 1987).

Acervo ISA

QUESITOS DA RÉ - UNIÃO FEDERAL

4. Quais os caracteres dos indios que na área habitam?

Para se entender o funcionamento da sociedade Xavante é fundamental saber que operam com uma multiplicidade de sistemas de metades que expressam suas regras socio-cuturais. Os Xavante, como outras sociedades classificadas como Jê, organizam-se sobre um princípio didático fundamental, binário, conhecido como organização dual. A sociedade Xavante organiza-se então em um conjunto de instituições baseadas em uma série de antíteses por analogia.

Vamos descrever brevemente a vida social, política e ritual dos Xavante tentando explicitar como operam os multiplos sistemas de metades acima mencionados. As informações que se seguem foram retiradas de Maybury-Lewis (1984) e de nossas próprias pesquisas. Comecemos pela organização espacial da aldeia. Como já dissemos anteriormente, as aldeias são construídas no cerrado, em forma de ferradura aberta para as margens de um rio com um pátio no centro, aonde se desenvolve a maior parte da vida social Xavante. É no *WARA* que se realizam os ritos e aonde se tomam todas as decisões importantes para a vida da comunidade. Trata-se de local de uso exclusivamente masculino enquanto que as malocas são locais de domínio predominantemente feminino. Além das casas dos moradores, as aldeias têm as casas dos solteiros, locais aonde vivem os meninos em fase de adolescência durante 5 anos de suas vidas. Retomaremos as informações acerca da casa dos solteiros mais abaixo, quando falarmos acerca das classes de idade segundo a qual se organiza a vida dos indivíduos.

Os Xavante orientais econtram-se divididos em três clãs patrilineares exogâmicos, chamados de *TPEREYA ONO, E WANE* e *TOPDATO*. O casamento se dá entre pessoas de clãs distintos. Os arranjos de casamento são feitos inicialmente pelos pais de ambos os lados, não implicando em grandes dificuldades à medida que para os Xavante, os casamentos não têm consequências politicas nem envolvem pagamentos. Os casamentos são uxorilais, realizados geralmente após a saida dos jovens da csa dos solteiros e ao final das cerimônias de iniciação, passando por três estágios especificos.

Acervo ISA

A menor unidade social é o grupo doméstico que é formado pelo casamento uxorilocal e é constituído pelos pais, suas filhas e seus genros. O chefe do grupo doméstico reside com sua esposa em um lado da casa enquanto suas filhas e maridos vivem do outro. No caso de haver um grande número de filhas nas casas, estas e seus maridos devem se ordenar ao redor da circunferência da maloca. Nesse contexto, o casamento para o homem Xavante implica em uma situação aonde ele é obrigado a trabalhar de forma subordinada ao pai de sua esposa. Um garoto Xavante nasce assim em um grupo familiar aonde seu pai é um estranho, cabendo a chefia da casa ao avô materno. Nesta estrutura familiar a criança encontra-se ligada ao pai pelo laço de descendência e seu grupo doméstico pelas regras de residência, estando portanto subordinado ao seu avô e tios maternos. Maiores informações sobre parentesco e nominação Xavante poderão ser encontradas em Lopes da Silva 1987.

Ao nível da sociedade, os Xavante vêm a sua propria como sendo dividida e, num dado momento, organizada em grupos de idade em ordem hierárquica do ser mais velho.

Os grupos de idade servem para designar um conjunto de individuos que nasce no mesmo lapso de tempo, aproximadamente de 5 anos. Os grupos de idade passam juntos pela casa dos solteiros tem juntos suas iniciações e cerimonias de casamento.

A casa dos solteiros é a base do sistema de grupo de idade, o lugar onde o garoto Xavante sente o que é pertencer a um grupo de idade e participa de uma camaradagem distinta do clã e linhagem. Um garoto não pertence a um grupo de idade antes de ser formalmente induzido a casa dos solteiros, não é um membro total da sociedade, pois todas as atividades sociais e cerimoniais são efetuadas pelos grupos de idade.

O reconhecimento do novo grupo de idade é realizado cerimonialmente por um homem maduro da comunidade. Enquanto os garotos permanecem na casa dos solteiros são tratados como um grupo à parte, sendo obrigados a portar-se de acordo. Durante os anos que passam nessa casa, os meninos vivem em grande liberdade, com poucas obrigações e nenhuma responsabilidade, cabendo a familia alimentá-los. Dedicam-se a adquirir habilidades práticas e cerimoniais que necessitarão na fase adulta.

Acervo ISA

Para deixar a casa dos solteiros, os meninos passam por uma cerimônia de iniciação de suma importância na vida Xavante: suas orelhas são perfuradas para inserir botoques auriculares que usarão por toda a vida. Essa perfuracão das orelhas simboliza o reconhecimento dos meninos como homens plenos e tem paralelo com a capacidade de penetração sexual, pois é só a partir dos botoques estão autorizados a exercer sua potência sexual. Banhos de imersão são parte do ciclo desse ritual e a respeito dos mesmos os Xavante possuem uma série de narrativas míticas importantes para a comprensão de seu simbolismo.

Os homens Xavante encontram-se divididos entre os não iniciados e os iniciados. A transição de um a outro status formal, tem lugar quando um grupo é promovido para o grupo de jovens homens, eles também divididos em subordinados e executivos . A transição da primeira categoria para a segunda tem lugar quando um grupo de idade é admitido no status de homem maduro.

A mulher Xavante também pertence a um grupo de idade, mas ser membro de um grupo de idade não é a mesma coisa para a mulher. As meninas não passam pela casa dos solteiros e não dividem, exceto em determinado estágio, a cerimônia da iniciação. As meninas não tomam parte dos ritos de indução na casa dos solteiros pois iniciação, reclusão e participação no WAI A(cerimonia esotérica) são atividades masculinas por definicão. Mas elas acompanham a prospeção dos solteiros na cerimônia do corte de cabelo e por meio disso estabelecem seus membros no mesmo stratum social.

Como a sociedade Xavante é extratificada em classes de idade, as mulheres devem pertencem a um ou outro destes estratos e seus ritos de passagem devem coincidir com a passagem de um estrato a outro.

As sociedades Je que valorizam a belicosidade como forma de masculinidade, inculcam esse valor nos meninos durante o period em que permanecem na casa dos soteiros. Posteriormente esse valor recebe expressão ritual.

Os meninos Xavante e por extensão as meninas, tornam-se membros de determinada classe de idade nominal quando levados à casa dos solteiros. Após 5 anos, seu grupo de idade está apto a ingressar na classe de idade dos jovens homens; mais 5 anos ingressam na classe de idade dos homens maduros e finalmente após mais 5 anos pertencem à classe de idade dos homens idosos, retrocedendo ao início do ciclo.

Acervo ISA

Categorias de idade

masculinas		**femininas**	
homens maduros	*Ipredu*	*Pi õ*	mulheres maduras
rapazes	*Ritei Wa*	*Adabá*	mulheres nominadas
		Araté	mulheres c/ filhos
solteiros	*Wapté*	*Tsoimbá*	meninas p/ as quais os maridos já trouxeram carne
crianças/meninos	*Watebremi*	*Ba ono*	crianças/meninas

(Maybury Lewis;1984; pg 202)

A sociedade Xavante tem 3 clãs porém é na linhagem que se baseia o sistema político.

Uma facção consiste de uma linhagem sendo sustentada por pessoas de outras linhagens porém do mesmo clã e por outros indivíduos de clãs diferentes porém da mesma linhagem. A facção dominante é naturalmente a facção do chefe e deve ser referendada durante a conversação pelo nome do chefe da linhagem.

O faccionalismo é fato básico na vida Xavante, nos termos em que as pessoas regulam seu comportamento na ordem de suas categorias conceituais. As facções competem pelo poder prestígio em última instância, pela chefia.

Os chefes não são formalmente instalados, nem existe qualquer procedimento para sua eleição.

A chefia para os Xavante é completamente natural desde que sancionada por um reconhecimento prático de sua existência. O Xavante reconhece que um homem influente deve ser reconhecido como chefe e é reconhecido como sendo a cabeça de uma forte facção, Caso a facção enfraqueça, ele perde seu direito à chefia.

Quando os Xavante pensam sobre o poder do chefe, eles estão pensando no poder de sua facção e as relações entre facções.

Acervo ISA

O chefe Xavante gasta a maior parte de seu tempo tomando decisões com base na discussão do Conselho. O chefe invarialmevemente modifica sua sugestão original caso a maioria se mostre favorável à alteração. É o representante da comunidade, sendo seu símbolo de integridade em relação aos outros e porisso sua mais importante função cerimonial é aquela em que atua como a corporização de sua comunidade, como oposição às facções constituídas.

Os Xavante reconhecem seus companheiros de clã como sendo, de alguma fora, "a minha gente," em oposição às pessoas que não pertencem ao mesmo clã, que são chemadas de "os outros". O têrmo genérico para "os do meu lado"é *waniwimhã* e para "os outros" é *watisre wa*.

Essa dicotomia nós/eles expressa uma distinção crucial presente em todas as esferas do pensamento e da vida Xavante. É entre os companheiros de clã que uma pessoa procura apoio em situações que podem implicar, ainda que potencialmente, em disputas faccionárias. Os clãs não se confundem com as facções. É mais correto dizer que os Xavante consideram os membros de sua própria facção como sendo os seus companheiros de clão ao invés do contrário.

A filiação clânica por si só não é significativa. Adquire signifciado apenas contextualmente. O contexto por sua vez, é configurada pela estrutura faccionária da comunidade , que se constrói a partir dos agrupamentos clânicos, sem , no entanto corresponder necessariamente a eles. É portanto mais importante para os moradores de uma determinada aldeia saber com que linhagem um recém chegado tem ligações do que descobrir a que clã ele pertence. No momento em que ele pinta o seu corpo segundo o padrão característico de uma dada linhagem, faz uma afirmação pública de sua afiliação faccionária. De acordo com a expectativa geral, são as linhagem que devem agir como grupos incorporados.

Assim, são as linhagens os grupos incorporados nos quais o sistema político se baseia. Uma facção é formada por uma linhagem e seus correligionários, que podem ser outras linhagens do mesmo clã, indivíduos isolados, ou mesmo linhagens de outro clã. Os vários sistemas agem como conjuntos de coordenadas sociais que fornece, simplesmente, a matriz para as situações reais. O contexto determina não só que um Xavante faz mas também o que ele é.

Acervo ISA

Cada clã possui uma pintura corporal específica. Em ocasiões especiais os homens de cada clã devem usar os seguintes desenhos(insígnias clânicas)

clã	desenho	posição
poredza ono		nas têmporas
O Wawe		nas têmporas
topdató		nas maçãs do rosto.

(Maybury Lewis, 1984; 220/229)

O faccionalismo local da comunidades Xavante está intimamente ligado ao mais amplo sistema de alianças e inimizades que permeia a sociedade. Os Xavante tem parentes em outras comunidades e sabem que têm parentes potenciais mesmo nas aldeias em que não conhecem ninguém.

A facção dominante em qualquer aldeia tem plena consciência de que as linhagens menores podem e de fato chegam a separar-se, provocando cisão, quando seus direitos são infringidos .

O sistema político depende assim de um delicado balanço de poder e de interesse. O faccionalismo é assim uma competição para o comando que envolve todos os homens adultos.

Outro aspecto notável da vida cultural dos Xavante, e que expressa seu simbolismo e sistemas de metades, são os rituais. As metades rituais não coicidem exatamente com as metades acima mencionadas, mas formam novos conjuntos que se superpõe aos "nós" e os "outros" segundo definições de afinidade. Mas a divisão básica entre "nós" e "outros" é a concepção ideal da sociedade, situação ideal de perfeito equilíbrio, expressa nos rituais. Entretanto, na realidade, como na maior parte das comunidades há predomínio de uma facção que se destaca e impõe sobre as demais durante um certo período, essas metades simétricamente separadas não operam plenamente na vida cotidiana. Os rituais são os seguintes:

Acervo ISA

1. *oi o*

É uma luta para os meninos se fortalecerem, ritual que ele expressa um equilibrio ideal da sociedade, para essa ocasião perfeitamente dividida em "nós" e "outros".

2. corrida de tora

Precedem outras cerimonias . Para essas corridas os Xavante também se dividem em metades mas nesse caso as metades são metades de classe de idade. As corridas são mais que competição pois o resultado nao é muito importante. Cada time deve esforçar-se ao máximo mas nenhum deve ultrapassar o outro. É um rito no qual mostram que correm bem, que sabem controlar a velocidade, demonstram força e resistência, enfim, as virtudes masculinas que os Xavante mais admiram.

3. iniciação/ furação das orelhas

Perfuraçao dos lóbulos das orelhas dos meninos e posterior inserção de batoques auriculares mínimos. Para essa cerimônia, é a classe de idade que está por deixar a categoria de rapazes que canta para a classe de idade que está sendo iniciada. A classe de idade que patrocina a iniciação confeciona também as máscaras de dançar. As máscaras são símbolos da própria iniciação. São associadas a um determinada classe de espíritos que inspiram mêdo. Após essa cerimônia os meninos adquirem maturidade que implica em casamento e estabelecimento de relações específicas de afinidade.

4. *Wai a*

É a cerimônia mais importante da vida Xavante. De caráter esotérico, o *wai a* é proibido às mulheres. Ele prepara os meninos para o enfrentamento e para o recebimento de transmissões de forças sobrenaturais.

Acervo ISA

Os homens adultos constrõem uma casa especial para a cerimônia um pouco afastada da aldeia, na qual se pintam, enfeitam e preparam os objetos secretos. Para a realização do ritual os Xavante dividem os meninos em duas metades cerimoniais: os cortadores de madeira e os donos das cabaças. Essas metades funcionam apenas durante o ritual e seus integrantes são decididos pelos homens mais velhos da aldeia. Os meninos devem dançar ao sol, em jejum, durante pelo menos 15 dias. Nesse período, durante todo o decorrer dos dias, os homens sobem ao pátio e dançam "contra "os meninos. É uma dança agressiva, uma espécie de " corretivo".

Após esse preparo são levados ao pátio e enfrentam um desmaio coletivo provocado pelo lançamento de um determinado pó. Após o desmaio, o pai conduz os filhos até a mata e os orienta no sentido de investigar formas estranhas, homens escondidos sob tufos de folhas que lhes entregam flechas cerimoniais para guardar por tôda uma noite de vigilia.

Dançam no dia seguinte e se preparam para receber o poder agressivo das abelhas pretas. Em seguida participam com todos os outros homens da seleção de cantos em uma clareira, para finalmente se apresentarem no pátio, como homens Xavante plenos.

Acervo ISA

BIBLIOGRAFIA

FRANCHETTO,B.,1985 - O que é "Terra Indígena"? Uma decisão do Supremo Tribunal Federa. Em Santos in Sociedades Indigenas e o Direito, uma Questão de Direitos Humano; Ed. da UFSC e CNPq, pp 99/119

1987 - A Ocupação Indígena da Região dos Formadores e do Alto Curso do Rio Xingú. Laudo Antropológico, Procuradoria Geral da República, BSB/DF

FUNAI 1979 - Viagem Realizada à Reserva Pimentel Barbosa e Serra Dourada em 05 de maio de 1979.

GIACCARIA, B. e HEIDE, A., L972 - Auwe Uptabi-Xavante - Povo Autêntico, São Paulo, El Dom Bosco, 2. ed., 1984

LOPES DA SILVA,A., 1987 - Nomes e Amigos: da Prática Xavante à uma Refexão sobre os Jê, SP, FFLCH/USP, Coleção Antropologia, vol.6

s/d. - Histórico do Contato Xavante/Xerente. Versão inédita (CEDI/SP).

LOPES,M.,1988 - A Resistencia do Indio ao Extermínio- O Caso dos Akwe Xavante 1967-L980, UNESP Assis, SP, Dissertação de Mestrado.

MAYBURY-LEWIS, D., 1984 - A Sociedade Xavante, Francisco Alves Ed. SA

RAVAGNANI, O., 1977 - A Experência Xavante com o Mundo dos Brancos. Tese de Doutoramente. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

SERPA, P., 1990 - Laudo Antropológico, Justiça Federal de Mato Grosso.

1988 - Boéepa- O Cultivo de Roça entre os Bororo do Mato Grosso. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP.

SILVA O. e outros 1994 - A Perícia Antropológica em Processos Judiciais, ABA e CPI, Ed. da UFSC.

SOUZA, L., 1953 - Os Xavante e a Civilização, RJ (ensaio histórico).

VALADÃO, V., s/d - Wai a : O Segrêdo dos Homens, artigo para publicação.